

Reflexões sobre o “Projeto Torcedor” alemão: produzindo subsídios para o debate acerca da prevenção da violência no futebol brasileiro a partir de uma perspectiva sociopedagógica

Rosana da Câmara Teixeira e
Felipe Tavares Paes Lopes

▲ Universidade Federal Fluminense | Niterói, RJ, Brasil, Universidade de Sorocaba | Sorocaba, SP, Brasil

✉ rosanat@id.uff.br, lopesftp@gmail.com

DOI

[http://dx.doi.org/10.11606/](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.152037)

[2179-0892.ra.2018.152037](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.152037)

RESUMO

Este texto apresenta a história, o papel e os desafios dos trabalhos sociopedagógicos desenvolvidos pelo *Fanprojekt* (“Projeto Torcedor”) na transformação criativa e pacífica dos conflitos no futebol alemão e discute sua recepção no debate público sobre a violência no futebol brasileiro. Ao promover essa discussão, analisa em que medida e como ele pode servir de alternativa para a nossa realidade. Para alcançar esses objetivos, fizemos um levantamento bibliográfico sobre o tema e realizamos pesquisa de campo na Alemanha. Entre outras coisas, concluímos que o referido projeto nos indica a necessidade de as autoridades públicas e do futebol desenvolverem projetos sociopedagógicos dirigidos aos torcedores organizados brasileiros, estabelecer novos canais de comunicação com eles e valorizar seus aspectos positivos.

PALAVRAS-CHAVE

Torcidas de futebol, violência, projetos sociopedagógicos, mediação, Alemanha

REFLECTING ON THE GERMAN “FAN PROJECT”: PRODUCING SUBSIDIES TO THE DEBATE ABOUT THE PREVENTION OF VIOLENCE IN BRAZILIAN FOOTBALL FROM A SOCIO-PEDAGOGICAL PERSPECTIVE

ABSTRACT

This paper presents the history, role and challenges of the work carried out by the so-called “Fan Project” in the creative and peaceful transformation of conflicts in German football and discusses its reception in the public debate on violence in Brazilian football. In promoting this discussion, we analyze to what extent and how this project can serve as an alternative to our reality. Therefore, we conducted a literature review on the topic and a field research in Germany. Among other things, we concluded that Fan Project shows us how important it is that public and football authorities develop socio-pedagogical projects for the Brazilian organized supporters, to establish new channels of communication with them and to appreciate their positive aspects.

KEYWORDS

Football Fans, Violence, Socio-pedagogical Project, Mediation, Germany

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta a história, o papel e os desafios dos trabalhos socio-pedagógicos desenvolvidos pelo *Fanprojekt* (“Projeto Torcedor”) na transformação criativa e pacífica dos conflitos no futebol alemão e discute sua recepção no debate público sobre a violência no futebol brasileiro. Ao promover essa discussão, analisa em que medida e como ele pode servir de alternativa para a nossa realidade. Cabe observar, no entanto, que não se trata de querer promover ou aplicar integralmente esse modelo aqui, uma vez que, como qualquer modelo, ele apresenta limitações e problemas. Além do mais, ainda que possa haver algumas semelhanças entre as características, a organização e os modos de atuação dos torcedores violentos de diferentes lugares, não podemos perder de vista as singularidades de cada contexto, como, por exemplo, a questão do sectarismo religioso nos conflitos do futebol da Escócia e da Irlanda do Norte (Dunning, 2006).

Assim, pretende-se, a partir dos trabalhos realizados pelos *Fanprojekte*, pensar alternativas que atendam às nossas especificidades socioculturais e, com isso, contribuir para a definição de novos programas e políticas de prevenção da violência no futebol brasileiro, que sejam mais justos, democráticos e inclusivos, escapando, portanto, do paradigma repressivo atual, pautado em medidas paliativas e baseadas na imposição unilateral de um ator social ou instância governamental (Trejo e Murzi, 2013).

Ao apresentarmos e discutirmos os *Fanprojekte*, buscamos preencher, até certo ponto, uma lacuna na literatura científica nacional. Nos últimos anos, alguns autores brasileiros têm se debruçado sobre as estratégias de prevenção

da violência adotadas em outros países, tais como a Espanha (Reis, 2006) e a Inglaterra (Alvito, 2014). Outros têm analisado a problemática torcedora na França (Hollanda, 2014), Itália (Florenzano, 2010, 2014) e Argentina (Palhares, Cabrera e Schwartz, 2014). Além disso, uma série de eventos tem sido realizada com o objetivo de discutir a violência no futebol internacional – entre eles, o simpósio “Hooliganismo e Copa de 2014” e o “Seminário Sul-Americano de Combate à Violência no Futebol”. Apesar disto, muito pouco tem sido dito e discutido sobre os *Fanprojekte*, que surgem como uma alternativa ao paradigma repressivo vigente no Brasil.

De acordo com estudo realizado por Mauricio Murad, entre 1999 e 2008, o Brasil foi o campeão mundial no número de mortes de torcedores, se compararmos com o chamado “primeiro-mundo” do futebol (2013). No período, o autor contabilizou 42 mortes, ou seja, uma média de 4,2 por ano – ultrapassando a Itália e a Argentina, que estavam à frente do país no início do decênio investigado. Segundo o autor, nos anos subsequentes, os registros de morte não pararam de crescer. Em 2012, houve 23 assassinatos de torcedores em razão de conflitos entre torcidas. Certamente, as mortes representam o aspecto mais doloroso, visível e extremo das brigas entre torcedores e entre torcedores e policiais. Estas, todavia, não constituem a única forma de violência no futebol brasileiro. Existem diversas outras situações, dentro e fora dos nossos estádios, que podem ser consideradas violentas, ainda que algumas delas já nem sejam mais percebidas como tais, de tão naturalizadas que estão (Murzi, Uliana e Sustas, 2011).

Neste contexto, o bilionário futebol inglês – com estádios lotados e times repletos de astros mundiais – encanta a mídia brasileira e surge como a principal (quando não a única) referência de prevenção da violência no futebol. Não à toa, o chamado “modelo inglês” serve de base para o relatório da Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espetáculos Esportivos (CONSEGUE), dos ministérios do Esporte e da Justiça, que tem como finalidade apoiar e acompanhar a implementação da Política Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espetáculos Esportivos.

Ocorre que o referido modelo tem sido importado para o Brasil de forma acrítica, de tal modo que as controvérsias em torno dele e as críticas feitas a várias de suas recomendações raramente são levadas em consideração (Lopes, 2013). Diante disto, faz-se necessário ter em mente que existem modelos alternativos, mais dirigidos à prevenção (Trejo e Murzi, 2013; Busset, Besson e Jaccoud, 2014), como é o caso do “modelo alemão”. Este tem servido de referência para o tratamento da violência em diversos países europeus, ao desenvolver um plano de assistência social baseado em diagnósticos produzidos por especialistas.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para desenvolver esta pesquisa, baseamo-nos em informações obtidas por meio de revisão da literatura sobre o fenômeno da violência no futebol e de observações, conversas e entrevistas feitas durante nossa pesquisa de campo na Alemanha. Em relação à revisão de literatura, esta tem sido um procedimento contínuo e de longo prazo, desde nossos primeiros estudos sobre o referido fenômeno na década passada. A partir dela, levantamos livros, artigos, dissertações e teses sobre o assunto, tendo como referência produções em língua portuguesa, espanhola, inglesa e francesa.

O trabalho de campo envolveu duas viagens à Alemanha. A primeira delas foi realizada a convite do Programa Setorial Esporte para o Desenvolvimento (*Sport Für Entwicklung*), da Agência Alemã de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento Sustentável (GIZ), por encargo do Ministério Federal de Cooperação Econômica e Desenvolvimento (BMZ). Tal viagem durou duas semanas e fez parte do programa “Torcidas e projetos com torcidas – um intercâmbio entre Brasil e Alemanha”, no período de 24 de março a 04 de abril de 2014. Este foi a contrapartida de uma viagem realizada por um grupo de alemães ao Brasil, em janeiro de 2014, e se inseriu em uma agenda de atividades no contexto do projeto Futebol para o Desenvolvimento (FpD)¹.

Esta experiência possibilitou formular uma série de questões a respeito do papel e dos significados das torcidas no cenário do futebol profissional mundial, dos dilemas resultantes dos enfrentamentos por elas protagonizados e das soluções encontradas para o tratamento da violência. A imersão cultural realizada neste curto espaço de tempo foi produtiva e instigante, possibilitando o encontro de gestores, pesquisadores e torcedores brasileiros² e alemães. A jornada se estendeu por 5 cidades (Dortmund, Dusseldorf, Mainz, Augsburg e Berlim) e a programação envolveu as seguintes atividades: encontros com os representantes locais dos *Fanprojekte* (torcedores, educadores, assistentes sociais, entre outros) e das secretarias municipais da juventude; visita ao Círculo da Juventude Alemã e à Assembleia Legislativa da Norte-Westfália Renânia, seguida de reunião com a ministra do Departamento para Família, Crianças, Jovens, Cultura e Desporto; encontro com Michael Gabriel, diretor da Koordinationsstelle Fanprojekt - KOS (Centro de Coordenação dos Projetos de Torcidas) e com responsáveis pela segurança dos torcedores; e visitas a estádios e a sedes dos *Fanprojekte*. Além disso, assistimos a quatro jogos da 1ª e da 2ª divisão da Bundesliga.

A pesquisa etnográfica consistiu na observação direta e participante das atividades supracitadas, que foram inscritas em um caderno de campo. Quando possível, também foram feitos registros fotográficos. Além de fazer observações, fizemos entrevistas abertas, tivemos uma série de conversas informais e levam-

1 O Comitê de coordenação é composto pela Agência Brasileira de Cooperação/Ministério das Relações Exteriores; pelo Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH; pela Streetfootballworld; pelo Ministério do Esporte e por representantes de prefeituras e da sociedade civil.

2 Participaram da comitiva brasileira representantes do Ministério dos Esportes, da Secretaria Nacional de Juventude, Secretarias Estaduais do Rio de Janeiro e de São Paulo, Secretarias Municipais de Fortaleza e do Rio de Janeiro, das torcidas organizadas Cearamor (Ceará), Jovem Garra Tricolor (Fortaleza), Leões da Torcida Uniformizada do Fortaleza (Fortaleza), Dragões da Real (São Paulo), Sanguê Jovem (Santos), Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ) e professores/pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade de Sorocaba (Uniso).

tamos documentos. Nesse processo, buscamos ter uma escuta disciplinada e identificar categorias e sentidos que organizavam as interações sociais (Cardoso de Oliveira, 2006) e os pontos de vista dos nativos (Geertz, 1997 [1983]). Todavia, não objetivamos aqui transmitir esses pontos de vista em sua autenticidade ou mesmo atuar como porta-vozes dos grupos estudados, mas, numa relação de troca, comparar nossas “[...] próprias representações e teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente” (Magnani, 2003: 3).

Ao longo de 14 dias, partilhamos situações cotidianas e eventos oficiais com atores sociais (membros de torcidas organizadas) que também têm se constituído em interlocutores das nossas investigações no Brasil³. A compreensão de que estávamos diante de uma situação incomum e privilegiada de análise levou cada um de nós a criar um roteiro básico preliminar de observação. Já nos primeiros dias, todavia, decidimos fundir os dois diários de campo em apenas um, para que o outro pesquisador pudesse se dedicar à observação mais livre e ao registro fotográfico. Vale assinalar que todo o empreendimento se deu partir de intérpretes, já que nenhum de nós falava alemão. Essa dificuldade, contudo, não inviabilizou a pesquisa, pois investimos na conversa com os mediadores que falavam português e alemão e nos valemos do nosso relativo domínio da língua inglesa, que se tornou oficial nas interações com os alemães.

A segunda viagem contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e foi feita apenas por um dos autores deste trabalho. Entre 18 de agosto e 01 de setembro de 2014, ele realizou um estágio de pesquisa no Institut für Interdisziplinäre Konflikt und Gewaltforschung, da Universidade de Bielefeld. Lá, visitou o *Fanprojekt* de Bielefeld, onde conversou com seus colaboradores (educadores e assistentes sociais) sobre o trabalho sociopedagógico realizado no município. Também visitou estádios e foi a quatro partidas de futebol, sendo que uma delas em caravana com os *hooligans* e ultras do Armínia Bielefeld e na companhia de um dos colaboradores do referido *Fanprojekt*. Além disso, teve a oportunidade de participar de uma reunião antes de um dos jogos com a polícia e demais agentes de segurança do estádio. Assim como ocorrera na viagem anterior, todas essas experiências foram registradas por meio de imagens fotográficas e anotações em um caderno de campo.

Uma vez descrito nosso percurso metodológico, cabe, agora, aprofundarmos-nos nas transformações ocorridas no futebol inglês. A discussão dessas transformações foi muito seletiva e deixou de lado diversos eventos, atores e instituições que, certamente, mereciam discussão em um estudo mais completo. Buscamos, porém, oferecer um panorama das principais características e consequências dessas transformações, já que o “modelo inglês” é tido como a principal referência para o Brasil. Além do mais, ele constitui o pano de fundo contra o

3 Em algumas conversas informais durante a viagem, essa ação do *Fanprojekt* foi particularmente valorizada pelos torcedores, pois eles rejeitam dialogar com as forças policiais – ao contrário do que se observa no Brasil, onde o diálogo é, frequentemente, a única alternativa para resolução de impasses.

qual têm sido desenvolvidas as linhas de ação do *Fanprojekt*. Como ficou claro ao longo da pesquisa de campo, os assistentes sociais e os educadores do projeto (e também os torcedores ultras) entendem que o futebol inglês se configura como um caso paradigmático de gentrificação do esporte, que altera a composição social do público dos estádios e mina tradições torcedoras baseadas em formas participativas e festivas de torcer.

TRANSFORMAÇÕES NO FUTEBOL INGLÊS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A Inglaterra tornou-se internacionalmente conhecida não apenas por ter sido a criadora do futebol moderno, mas, também, pelo engajamento constante e coletivo na violência por parte de alguns de seus torcedores: os *hooligans*. Embora a violência acompanhe o futebol inglês desde os tempos em que ele era uma prática restrita aos alunos das escolas públicas (frequentadas pela elite local), foi apenas no final da década de 1950, com a “crise moral” que afetava os jovens da classe trabalhadora, que a imprensa passou a dar maior cobertura ao fenômeno. A partir da Copa do Mundo da Inglaterra, em 1966, a violência no futebol inglês entrou definitivamente para a agenda dos meios de comunicação, que começaram a enviar repórteres aos estádios para observar e relatar o comportamento desses torcedores. Nesse período, os *hooligans* começaram a ser tratados pelos jornais do seu país como uma séria ameaça para a reputação internacional da Inglaterra (Dunning, Murphy e Willians, 1993 [1986]; Murphy, Willians e Dunning, 1994).

Na década de 1980, a violência no futebol inglês chegou ao seu auge. Jornalistas do mundo todo buscavam mostrar as arruaças promovidas pelos *hooligans* ingleses, criando uma espécie de “pânico moral” em torno deles. Paralelamente, o hooliganismo começava a se tornar cada vez mais grave e frequente em outros países europeus, como a Alemanha. No entanto, esse fenômeno não suscitou a atenção imediata dos legisladores. A mudança foi marcada, em primeiro lugar, pela tragédia de Heysel, em 1985, na final da Liga dos Campeões da Europa, quando 39 torcedores morreram e centenas ficaram feridos, depois que *hooligans* do Liverpool invadiram o setor onde estavam localizados os torcedores da Juventus, iniciando uma correria que gerou atropelamentos e a queda de um muro. Em segundo lugar, pela adoção da Convenção Europeia, decorrente dos distúrbios em jogos de futebol (Tsoukala, 2014: 21).

Além dessas iniciativas, no ano seguinte à tragédia de Heysel, foi elaborado, na Inglaterra, o Relatório Popplewell, que recomendou, entre outras coisas, maior policiamento à paisana, operações de espionagens dentro dos grupos de *hooligans* e a adoção nos estádios dos circuitos internos de televisão (Giulianotti, 2002 [1999]). Nada disto, todavia, foi suficiente para evitar novas tragédias, que motivaram a elaboração do famoso Relatório Taylor – escrito após a tragédia de

Hillsborough, em abril de 1989, quando 96 torcedores do Liverpool morreram pisoteados e/ou esmagados contra o alambrado (Alabarces, 2012).

A fim de que tragédias como essa não se repetissem, o Relatório Taylor fez uma série de recomendações, que na sua maioria acabaram sendo ratificadas e transformadas em norma jurídica. Entre elas, Pablo Alabarces destaca: melhorar a condição dos estádios; melhorar a recepção aos torcedores no que diz respeito à salubridade, conforto e segurança; eliminar os setores de pé (a política *all-seated*) e colocar assentos que não pudessem ser facilmente arrancados; elaborar um conselho permanente que investigasse a segurança no futebol e tivesse contato com os torcedores; eliminar os alambrados, já que produziam consequências adversas; formar polícias especializadas, com canais de comunicação e uma boa localização nos estádios; acabar com as prisões desnecessárias, que desviavam a atenção e o trabalho da polícia – o que levou a criação da figura do *steward* (pessoa civil capacitada para receber e orientar o público e avisar as forças de segurança em caso de desordem) (Trejo e Murzi, 2013); gerar um controle computadorizado a partir da venda das entradas; excluir das imediações do estádio quem não possuísse entradas; melhorar a instalação das câmeras de vídeos nos estádios, aceitando as imagens geradas como prova jurídica em caso de incidente; punir aqueles que incitam a violência através de gritos xenofóbicos; estreitar a cooperação entre os clubes e a polícia e, finalmente, gerar um esquema de identificação dos torcedores, o *membership scheme* (Alabarces, 2012).

Esta última recomendação acabou sendo considerada violadora dos direitos individuais e foi descartada. Outra sugestão que gerou polêmica foi a da adoção da política do *all-seated*, muito contestada pela Football Supporters Association (FSA) – uma associação de torcedores com importante representatividade em toda a Inglaterra. Fundamentalmente, seus integrantes argumentavam que o encadeiramento integral dos estádios era economicamente inviável para os clubes menores, além de produzir mudanças radicais na experiência de torcer, transformando o futebol num espetáculo para ser apreciado de forma passiva e distanciada (Alabarces, 2012; Giulianotti, 2002 [1999]).

De acordo com Marcos Alvito, ainda que as propostas de segurança para o futebol inglês tenham trazido avanços significativos – tanto no que diz respeito ao policiamento (menos militarizado) quanto no que se refere à estrutura física dos estádios (mais confortáveis e seguros) –, elas ainda se apoiam num paradigma repressivo e reativo, que frequentemente despreza os direitos individuais dos torcedores e não alcança as raízes do hooliganismo (2014). Segundo Anastasia Tsoukala, o atual modelo de controle do hooliganismo (também adotado em países como a Alemanha, França, Bélgica e Itália) é baseado no princípio da gestão atuarial do risco (2014). E como todo risco é, por definição, virtual e ligado a um comportamento de grupo, sua gestão só pode ser impessoal e antecipa-

tória. Consequentemente, um torcedor pode ser classificado como *hooligan* não por aquilo que ele fez, mas por aquilo que ele poderá fazer. Com isso, descarta-se o princípio de presunção de inocência em favor de uma pressuposição de culpa.

Na perspectiva de Marcos Alvito, as propostas de segurança para o futebol inglês também são problemáticas uma vez que a “extinção dos *terraces* e a obrigatoriedade de assistir aos jogos em cadeiras individuais representaram um grave atentado à cultura torcedora” (2014: 38). Não à toa, como já antecipamos, as associações inglesas de torcedores reclamam que o futebol se converteu num espetáculo exclusivamente para se olhar. Conforme assinala Richard Giulianotti, “os seguranças expulsam aqueles que se levantam e obstruem a visão dos outros. Os torcedores que gritam nas partidas de futebol podem ser acusados de transgredir a ordem pública de acordo com a legislação recente” (2002 [1999]: 109).

Além de pasteurizado, o futebol britânico elitizou-se, afastando a classe trabalhadora dos estádios. Segundo Fernando Trejo e Diego Murzi, cada vez mais, ele é visto como um “grande negócio” e, como em todo negócio, apenas aqueles que possuem recursos econômicos conseguem participar. Para os autores, também não podemos perder de vista que, embora a violência no futebol inglês tenha diminuído, o hooliganismo permanece presente nas divisões inferiores (2013). Ademais, houve um deslocamento espaço-temporal do fenômeno. A fim de fugir do controle da polícia, os *hooligans* têm marcado confrontos em zonas afastadas dos estádios e em dias em que não ocorrem jogos, dificultando, ainda mais, a manutenção da ordem e ampliando os custos com segurança.

HISTÓRIA, PAPEL E DESAFIOS DOS FANPROJEKTE

Uma vez feito um breve panorama das transformações no futebol inglês e suas consequências, nos deteremos, agora, na apresentação dos *Fanprojekte*, que surgem, na perspectiva de alguns autores (Hourcade, Lestrin e Mignon, 2010; Giulianotti e Millward, 2013), como uma alternativa mais inclusiva e democrática. Começamos pelo contexto sócio-histórico que lhe deu origem. Assim como na Inglaterra, a violência no futebol alemão não é propriamente uma novidade. De acordo com Hubert Dwertmann e Bero Rigauer, o uso da violência era comum na vida dos vilarejos alemães até os anos 1950. A violência social era expressa nos festivais religiosos, feiras, casamentos e, mais frequentemente, nos *pubs* e partidas de futebol. Eram comuns brigas antes dos jogos, intervenções no seu andamento, o abandono de partidas e ataques aos juizes. Foi apenas na década seguinte que esse cenário começou a mudar e, já nos anos 1970, não havia mais tais ataques nem intervenções no campo de jogo. Nesse período, houve certo disciplinamento da violência dos torcedores, ainda que o número de policiais e *stewards* fosse significativamente menor do que nos dias de hoje (Winands e

Grau, 2016). Esse disciplinamento se desenvolveu paralelamente à rápida modernização dos vilarejos (Dwertmann e Rigauer, 2002).

Paradoxalmente, ao mesmo tempo, foram surgindo grupos preparados especificamente para a violência: os *hooligans*. Assim, a partir dos anos 1970, a violência no futebol alemão tornou-se quantitativamente limitada a esses grupos e qualitativamente maior. Por conta disso, fortaleceu-se a repressão policial, o que fez com que os conflitos migrassem para as ruas e arredores dos estádios. A imprensa alemã também começou a produzir maciçamente matérias reprovando as ações dos *hooligans*, rompendo com certo silêncio que havia até então em relação ao assunto. Apesar do paradigma repressivo vigente no período, em 1974, foi proposta a Associação de Torcedores de Futebol, que acabou sendo estabelecida em 1977. Tal associação baseava-se numa declaração de oito pontos, sendo que um deles condenava as desordens nos estádios. Essa tentativa de autorregulamentação e de limitar essas desordens acabou sendo a precursora dos *Fanprojekte* (Dwertmann e Rigauer, 2002).

O primeiro *Fanprojekt* foi criado em 1981, na cidade de Bremen, após a morte de um torcedor em decorrência de um confronto entre grupos rivais de *hooligans* do Hamburgo e do Bremen. Outras cidades pioneiras foram Dortmund, Hamburgo e Bielefeld. Esta última, assim como Bremen, apresentou desde o início uma estreita relação entre seu *Fanprojekt* e o campo acadêmico, já que ele foi o resultado de um projeto conjunto entre os trabalhos da juventude local e a Faculdade de Educação da Universidade de Bielefeld. Essas primeiras experiências, no entanto, contavam com recursos bastante rudimentares e foi somente nos anos 1990 que os trabalhos sociopedagógicos com torcedores de futebol ganharam reconhecimento político (Winands e Grau, 2016).

Paralelamente à criação dos *Fanprojekte*, o Ministério dos Esportes organizou um grupo de trabalho reunindo vários especialistas, com o objetivo de propor medidas para controlar a violência dentro e fora dos estádios. Este grupo defendeu a necessidade de identificar as causas sociais do fenômeno e de dar início a um trabalho mais efetivo de prevenção, partindo do pressuposto de que as medidas repressivas não seriam capazes de controlar sozinhas a violência, muito embora pudessem, eventualmente, reduzir os confrontos. Assim, foi sugerido o desenvolvimento de um trabalho sociopedagógico com os torcedores nas escolas e nos clubes para colocar em evidência os “aspectos positivos do comportamento do torcedor”. Trabalhos sociopedagógicos possuem uma longa história na Alemanha e experimentaram uma significativa profissionalização nas décadas de 1960 e 1970, abrangendo diferentes populações, como idosos, crianças e adolescentes (Winands e Grau, 2016).

Além de sugerir a realização de um trabalho sociopedagógico, o referido grupo afirmou a importância da investigação criminal, a fim de que os torcedo-

res-transgressores fossem mais rapidamente punidos. Assim, entre outras coisas, decidiu-se proibir sua ida aos estádios e tornou-se obrigatório que suspeitos se apresentassem à polícia durante os jogos (Klose e Schneider, 1995).

Em 1988, um segundo relatório de especialistas sobre a cultura dos torcedores na Alemanha reforçou a necessidade de um trabalho sociopedagógico de longo prazo com os *hooligans*, a fim de tornar seu comportamento mais “estável” do ponto de vista social e psicológico. A hipótese que sustentava essa iniciativa era a de que o hooliganismo expressava a busca por sensações fortes e aventuras, não podendo ser explicado somente por fatores sociais e políticos (Hourcade, Lestrin e Mignon, 2010). O relatório também alertou para os riscos envolvidos na intervenção cada vez mais brutal da ação policial e defendeu que o trabalho de repressão se articulasse ao de prevenção.

O conjunto de avaliações produzidas pelos especialistas sobre as diferentes regiões da Alemanha levou, em 1989, o Ministério dos Esportes a fundar um grupo de trabalho sobre os *Fanprojekte* (BAG) com o objetivo de representá-los junto às instâncias nacionais do futebol e aos governos de diferentes estados e, com isso, colocar em prática iniciativas comuns. Foi o BAG que defendeu o grupo de trabalho “Conceito Nacional Esporte e Segurança”, na segunda iniciativa nacional em 1990, reunindo representantes dos ministérios de diferentes estados (Interior, Esporte e Juventude), da Confederação do Esporte (DSB) e da Federação Alemã de Futebol (DFB).

O Conceito Nacional Esporte e Segurança representou uma tentativa de estabelecer uma ação combinada entre diferentes instâncias e estados envolvidos no combate ao hooliganismo e estabeleceu protocolos para o desenvolvimento dos *Fanprojekte*. Entre outras coisas, definiram-se seus objetivos, discutiu-se a possibilidade de implementá-los em outras partes do território alemão e definiram-se suas condições de financiamento. Ademais, estabeleceram-se regras comuns para regular os comportamentos no estádio e definiram-se medidas de intervenção e organização nos dias de jogos.

Conforme já foi antecipado, no início da década de 1990, após o massacre de Hillsborough, os estádios ingleses passaram por reformas profundas. Assim como ocorrera na Inglaterra, os políticos e as autoridades do futebol da Alemanha começaram a defender o fim dos setores em pé. Nessa época, os conflitos entre *hooligans* alemães eram frequentes, o que alimentava o temor de que algo similar à referida tragédia pudesse ocorrer. Os *Fanprojekte*, todavia, se opuseram à ideia, pois, para eles, os setores em pé garantiam uma atmosfera vibrante, aberta e atrativa nos estádios. Inclusive, na reconstrução do estádio de Bremen, o *Fanprojekt* local foi central para mostrar os interesses dos torcedores e trazê-los para o debate de forma construtiva. Tanto é que o grupo de trabalho *Sitzenist-für'n Arsch* (em tradução literal, “assentos são para vagabundos”) surgiu dele. Tal

grupo se juntou com um arquiteto para construir um modelo seguro e “amigável” para a *Ostkurve* (setor em pé do estádio em questão) (Gabriel, 2013).

Em 1993, no auge dos conflitos em torno da reconstrução do estádio de Bremen, foi fundada a KOS (Centro de Coordenação dos Projetos de Torcidas), com a finalidade de fornecer apoio aos projetos desenvolvidos pelos diversos *Fanprojekte* espalhados pela Alemanha. Basicamente, a KOS oferece consultoria a esses projetos, faz o papel de seu relações públicas, estabelece redes e é a responsável pela garantia da qualidade, educação e treinamento de seus colaboradores. Também apoia o estabelecimento de novos *Fanprojekte* e é a responsável pelo trabalho internacional desses projetos, dando suporte aos torcedores alemães em torneios internacionais (Winands e Grau, 2016).

Os conflitos em torno do estádio de Bremen influenciaram fortemente os trabalhos iniciais da KOS. Não à toa, nas suas duas primeiras conferências nacionais, em Bochum e Leipzig, a questão dos setores em pé foi predominante. Desse modo, diante da importância da KOS no debate sobre o tema, quando uma federação suprarregional de torcedores – a Federação Ativa dos Torcedores de Futebol (BAFF) – convocou um protesto nacional para a manutenção dos setores em pé em frente à sede da DFB, Thomas Schneider, um dos responsáveis pelo Centro de Coordenação, fez a moderação entre as partes.

Após esse evento, começou-se a tornar habitual a integração de grupos de torcedores nos processos de planejamento dos estádios, como os que foram reformados para a Copa do Mundo de 2006 (Gabriel, 2013). Além disso, embora os estádios tenham sido modernizados para o referido evento, foi possível negociar uma política de precificação dos ingressos moderada para os torcedores e a manutenção de espaços para as manifestações dos torcedores ultras.

Até o período de realização desta pesquisa, a KOS coordenava, acompanhava e incentivava atividades em 49 cidades, envolvendo 54 torcidas. É importante observar que os *Fanprojekte* são financiados pela DFB e pela Liga Alemã de Futebol (DFL), bem como pelos municípios e estados. A DFB e a DFL contribuem com 50% do financiamento, enquanto o município onde o projeto está localizado e o seu respectivo estado compartilham os outros 50%. Essa divisão é importante para garantir a autonomia dos *Fanprojekte* em relação aos clubes, que contribuem apenas indiretamente, via DFB e DFL (Winands e Grau, 2016).

É igualmente importante observar que os *Fanprojekte* contam com pontos dentro dos estádios, que geralmente ficam abertos apenas nos dias de partida. Além de oferecer aos torcedores um lugar para passar o tempo e se juntar, esses locais servem para apoiá-los em situações críticas (Winands e Grau, 2016). Lá, eles podem buscar educadores e assistentes sociais para se informar e saber como proceder nesses casos.

Por sua vez, os pontos dos *Fanprojekte* nas cidades ficam abertos diariamente

e possuem diferentes formas e tamanhos. Alguns dos maiores e mais estabelecidos possuem dois ou três educadores ou assistentes sociais, um apoiador administrativo e escritórios. Outros possuem apenas um educador ou assistente social e têm poucas instalações separadas e estruturas de apoio. Os colaboradores dos *Fanprojekte* são treinados em assistência social, trabalho com jovens e educação comunitária e estão fortemente engajados na cultura torcedora local. Eles ajudam a organizar eventos e campanhas, auxiliam em atividades criativas e facilitam ligações com outros grupos de torcedores em âmbito nacional e internacional (Giulianotti e Millward, 2013).

Ademais, os colaboradores dos *Fanprojekte* se empenham em dissuadir os torcedores de participarem de confrontos violentos. Para isso, ensinam valores democráticos que contribuem para lidar com questões como o racismo, a homofobia e o sexismo, e ajudam a garantir que qualquer interação ambígua e problemática com a polícia não se deteriore em desordem e detenção policial, ainda que nem sempre sejam bem-sucedidos. A título de exemplo: no jogo em que estivemos presentes entre Mainz e Augsburg, na Coface Arena (Mainz), os ultras do Augsburg foram detidos antes de chegarem ao estádio, por conta de conflitos com a polícia. Por vezes, os *Fanprojekte* também atuam como “advogados” dos torcedores. Assim, dado que a mediação e a comunicação são centrais para seu trabalho, é imprescindível que tenham uma boa relação com distintos atores: polícia, outros *Fanprojekte*, responsáveis pela segurança dos estádios, funcionários dos clubes etc. (Giulianotti e Millward, 2013).

A relação com a polícia, todavia, enfrenta uma série de obstáculos. Em primeiro lugar, porque ela possui muito mais poder do que os assistentes sociais e educadores, o que faz com que, com frequência, estes tenham de seguir suas orientações, ainda que a contragosto. Em segundo lugar, porque, às vezes, ela não os reconhece como interlocutores legítimos, tratando-os como se fossem torcedores, e não como profissionais capacitados para realizar mediação de conflitos. Em terceiro lugar, porque os assistentes e educadores não têm o direito de se recusar a dar provas, o que pode colocá-los numa situação delicada, pois, caso realmente contribuam para a investigação policial, eles perderão a confiança dos torcedores (Winands e Grau, 2016).

Os *Fanprojekte* atuam de forma independente dos clubes, órgãos de segurança e torcidas, com base na lei alemã de assistência à criança e ao adolescente. As ações da KOS tomam como referência as tarefas definidas pelo Plano Nacional de Esporte e Segurança da Alemanha, de 1992. As medidas de prevenção e assistência social baseiam-se em propostas pedagógicas voltadas para experiências diversas com o grupo alvo (adolescentes e jovens adultos) e buscam articular interesses dos órgãos de segurança, clubes de futebol e torcedores.

A partir dos anos 1990, a emergência do movimento ultra levou a uma redefi-

nição do público-alvo dos *Fanprojekte*. Tal movimento caracteriza-se por apresentar a defesa de certo estilo de vida e uma forma romântica e idealizada de torcer. Seus integrantes são muito engajados na produção da festa nos estádios e mostram-se muito críticos à hipermercantilização do futebol, o que os diferencia dos demais e os leva muitas vezes a entrar em conflito com os próprios clubes. Além disso, possuem uma relação ambígua com a violência, sendo que muitos grupos enxergam a polícia como um inimigo, o que faz com que, frequentemente, não haja diálogo entre eles, mas apenas uma troca de acusações (Winands e Grau, 2016).

Os primeiros grupos ultras da Alemanha surgiram com as transmissões televisivas do futebol italiano. Quando muitos jogadores alemães foram jogar na Itália nos anos 1990, a mídia alemã passou a cobrir não só as partidas de futebol, mas, também, os fogos, as bandeiras e as coreografias das torcidas ultras italianas, que passaram a chamar a atenção dos torcedores alemães. Todavia, em contraste com parte significativa dos grupos ultras italianos, os alemães tendem a assumir um posicionamento político de esquerda (Merkel, 2012). Hoje em dia, eles constituem o principal movimento de torcidas alemão, superando os *hooligans* – que, em geral, são mais velhos (na casa dos 30/40 anos) e tendem a ser de direita e menos comprometidos com o espetáculo nas arquibancadas, conforme nos relatou em entrevista um assistente social.

A partir da constatação do movimento ultra, a KOS passou, então, a defender que os *Fanprojekte* desenvolvessem ações com todos os torcedores (não somente aqueles identificados como *hooligans*) e em todos os municípios que possuíssem clubes nas principais divisões que tivessem registros de situações de violência no futebol (Hourcade, Lestrin e Mignon, 2010). De modo geral, os projetos se estruturam em torno de duas estratégias:

- a) Do trabalho sociopedagógico com jovens por meio da atuação de educadores sociais, que devem se aproximar dos grupos e participar do seu dia a dia, na tentativa de compreender as questões envolvidas naquele contexto, suas motivações e problemas. Devem, ainda, acompanhar e avaliar permanentemente as ações desenvolvidas, definindo projetos de intervenção. Partem da premissa de que é importante apoiá-los e fortalecê-los e, em contrapartida, esperam que se comprometam na resolução dos problemas, atuando como interlocutores nas associações.
- b) Da mediação com as instituições públicas e atores sociais locais. O fato de o *Fanprojekt* ser independente dos clubes, associações de torcedores e forças de segurança favoreceu a constituição de um quadro regulador de trocas e relações. Essa estrutura é considerada particularmente útil para gerir situações de conflitos com o clube ou com a polícia e, também, para o relacionamento com os meios de comunicação.

Os *Fanprojekte* são instituições de educação não formal, autônomas, que procuram atuar junto a adolescentes e jovens adultos, onde quer que estejam (estádios, estações de trem, lugares públicos, bares, sedes de torcidas etc.), buscando estabelecer e intensificar a relação entre assistentes sociais, educadores e torcedores. Daí a valorização do *streetwork* e a importância cada vez maior atribuída à qualificação desses *outreach workers* (Klose e Schneider, 1995). Na base de seus projetos, subjaz a ideia de que é necessário um conhecimento especializado para intervir. Para o sucesso das iniciativas, os assistentes sociais e educadores devem conquistar a credibilidade, a confiança do grupo, para que seja possível legitimar as iniciativas.

Entre as ações desenvolvidas, destacam-se: palestras, reuniões, excursões, intercâmbios, torneios, campeonatos de “pelada”, aconselhamento em caso de problemas (familiares, escolares e com a polícia) e auxílio na produção da festa nos estádios, que incluem mosaicos e coreografias. Com relação aos objetos/materiais, os *Fanprojekte* realizam a mediação com os clubes, providenciando o registro de faixas, bandeiras e instrumentos. Participam, também, do planejamento das viagens dos torcedores, obtendo as informações necessárias (como chegar ao estádio e o que é permitido levar).

Além dos colaboradores, há outros atores sociais que vêm se revelando fundamentais, como os torcedores que já pertenceram à cena ultra, considerados mediadores com conhecimento prático. De acordo com Andreas Klose e Thomas Schneider, a mediação sociopedagógica com as torcidas pode reforçar as expressões criativas da experiência torcedora, propondo alternativas de lazer e formação. Também destacam a importância de um trabalho específico com aqueles que foram banidos, na tentativa de reintegrá-los e acompanhar aqueles que respondem a processos (1995).

Durante as reuniões nas sedes dos *Fanprojekte* visitados, a importância do trabalho de mediação foi bastante ressaltada. Lá, os assistentes sociais e educadores destacaram que um de seus principais propósitos é “dar voz aos torcedores” e que há um investimento – simbólico e material – para que os *Fanprojekte* os representem, de tal modo que os torcedores os reconheçam como um lugar onde possam interagir e se organizar. Nessas reuniões, foi mencionado que a base dessa atividade de mediação repousa na relação de confiança que se estabelece de parte a parte. Para isso, os *Fanprojekte* buscam construir uma relação de proximidade com os grupos, que permita compreender suas motivações, problemas e demandas. É aqui que a participação dos torcedores que já pertenceram à cena ultra se torna estratégica para o estabelecimento e fortalecimento das interações sociais e para a criação de laços sociais.

Em um encontro em Berlim, o diretor da KOS, Michael Gabriel, afirmou que as ações dos *Fanprojekte* visam fortalecer os aspectos positivos da experiência

torcedora, considerada um espaço livre (separado do mundo dos adultos) – com rituais próprios e múltiplas possibilidades de expressar talentos. Ao mesmo tempo, afirmou ser necessário amenizar os riscos de uma identificação muito forte dos jovens torcedores com seus grupos, pois esta pode levá-los a se sentirem demasiadamente fortes e poderosos, provocando seu isolamento. Diante disso, para ele, tanto o relacionamento cotidiano com esses jovens (nas sedes ou nas ruas) quanto o trabalho realizado nos dias de jogos é fundamental. Michael Gabriel também sublinhou a importância de apoiar as manifestações desses jovens e de considerar suas reivindicações – como é o caso da descriminalização da pirotecnia nos estádios, proibida por problemas de segurança. Além disso, destacou ser crucial incluí-los nos processos decisórios do futebol e apoiá-los nas suas tentativas de autogestão.

Para ilustrar essas tentativas, tomemos o caso do Bloco 42 – setor da Esprit Arena, gerido pelos ultras do Fortuna Düsseldorf e de onde assistimos a uma partida. Conforme nos foi dito por colaboradores do *Fanprojekt* local, os ultras possuem uma sala em tal setor, onde podem guardar seu material (bandeiras, microfones, instrumentos musicais etc.) e levar propostas para a sua melhoria. Para tanto, foi estabelecido um acordo em que se comprometeram a seguir algumas regras. O clube deixou claro que não toleraria, por exemplo, xingamentos e provocações de cunho racista ou homofóbico, nem o uso de sinalizadores. A partir deste entendimento, ficou definido que ele não interferiria na “curva organizada” e apoiaria a festa, coreografias e cânticos de incentivo nas arquibancadas. No momento de realização da pesquisa, o modelo já existia há 4 anos e vinha sendo pautado pelo diálogo contínuo para discutir reivindicações e resolver possíveis problemas.

Essa e as outras experiências citadas influenciaram, de certo modo, a criação, em 2008, de uma Federação Europeia de Torcedores (FSR), que defende os direitos dos torcedores e uma cultura positiva de torcida, lutando contra a violência e as discriminações em prol do diálogo com instituições esportivas e do controle das tensões entre policiais e torcedores (Hourcade, Lestrin e Mignon, 2010). A despeito das transformações (positivas) que o futebol alemão tem passado, não é possível afirmar que as situações de racismo e de violência tenham sido controladas, ainda que sejam menos problemáticas do que décadas atrás. Fomos informados, por exemplo, por torcedores ultras, da ocorrência de enfrentamentos antes do clássico entre Borussia Dortmund e Schalke 04, em que estivemos presentes. Inclusive, o contingente policial do jogo foi bastante significativo (em torno de três mil homens) e tivemos de aguardar a liberação da polícia para sairmos do estádio depois da partida – sugerindo certo temor, por parte das autoridades policiais, de possíveis confrontos entre torcedores rivais. Temor que não parece ser sem fundamento. Em 2017, noticiou-se que torcedores

do Borussia Dortmund atacaram os do RB Leipzig – o que resultou na prisão de 28 deles, inclusive por posse de material explosivo⁴.

Outra situação de tensão vivenciada por nós ocorreu na saída do jogo entre F. C. Union Berlin e F. C. Energie Cottbus, no estádio An der Alten Försterei, em Berlim. Ao entrarmos na estação de trem próxima ao estádio, os torcedores organizados brasileiros que acompanharam a partida conosco chamaram nossa atenção para um possível confronto, tendo em vista que torcedores locais nos seguiam (talvez, por questões raciais). Logo após a advertência, posicionaram-se em pontos estratégicos da estação, em posição de alerta, temendo um possível ataque de tais torcedores, que, felizmente, acabou não ocorrendo.

A fim de que os *Fanprojekte* sigam reduzindo situações de racismo e violência e aperfeiçoem seu trabalho, Richard Giulianotti e Peter Millward (2013) sugerem que se envolvam mais com outros grupos de torcedores e construam mais vínculos com a polícia e com o pessoal da segurança privada, explorando novas possibilidades de diálogo entre eles e os torcedores. Destacam, também, a importância de explorar novas formas de comunicação – com as mídias sociais virtuais – para a divulgação de campanhas e mensagens. Além disso, ponderam que uma dimensão a ser considerada diz respeito à ampliação do intercâmbio de conhecimento e *expertise* entre os *Fanprojekte* – sobretudo no âmbito internacional. Já Michael Gabriel e colaboradores dos *Fanprojekte* visitados observaram, em rodas de conversa, que, entre os desafios enfrentados na atualidade, está principalmente o fortalecimento do diálogo dos clubes com os torcedores (em especial aqueles que ocupam as chamadas “curvas” dos estádios, onde habitualmente localizam-se os grupos ultras).

Em Augsburg, um ultra também nos relatou que uma das preocupações é a retomada do movimento *hooligan* na região, que, por seu posicionamento político-ideológico à direita, rejeita campanhas contra o sexismo e contra a homofobia. Um ultra do Borussia Dortmund também demonstrou apreensão em relação a essa questão. Por isso mesmo, os colaboradores do *Fanprojekt* local realçaram a importância do diagnóstico e do investimento feito para identificar as causas dos conflitos entre diferentes tipos de torcedores. Inclusive, observaram que a distinção entre *hooligans* e ultras é algo mais complexo do que parece à primeira vista. De acordo com eles, ainda que existam pontos de convergência, os primeiros tendem a conferir um valor central aos conflitos violentos, concebendo-os como parte essencial do movimento. Ocorre que esse tipo de comportamento desperta interesse em alguns segmentos do movimento ultra. Assim, existem torcedores que participam de ambos os movimentos.

De todo modo, apesar desses problemas e desafios, os *Fanprojekte* gozam de reconhecimento entre acadêmicos e especialistas em segurança pública e vêm inspirando iniciativas em outros países da Europa, preocupados em formular

4 Disponível em:
<http://espn.uol.com.br/noticia/668500_28-torcedores-do-dortmund-sao-presos-apos-agressoes-a-fas-do-leipzig>.
Acesso em: 15 fev. 2017.

alternativas ao modelo inglês (Teixeira, 2014) – como atestam o *Progetto ultra* italiano e o *Fanarbeit* suíço, desenvolvidos a partir dos anos noventa (Busset, Besson e Jaccoud, 2014), ou ainda os casos da Polônia, República Checa e Áustria, onde o próprio *Fanprojekt* já existe há algum tempo ou, ao menos, está sendo explorado por alguns torcedores (Giulianotti e Millward, 2013).

VIOLÊNCIA NO FUTEBOL BRASILEIRO E DESDOBRAMENTOS DA EXPERIÊNCIA ALEMÃ

Uma vez apresentada a experiência alemã, direcionaremos nossa atenção para os desdobramentos da viagem do grupo brasileiro. Para compreendermos melhor esses desdobramentos, é preciso, antes, fazermos algumas observações sobre o fenômeno da violência no futebol brasileiro. Este não é um fenômeno novo nem homogêneo, assumindo diferentes formas em cada região do país. Por exemplo, em conversa informal com uma liderança de torcida, fomos advertidos que as armas utilizadas nos embates entre organizadas podem variar de lugar para lugar. No entanto, ainda que a análise dessas diferenças regionais não possa ser ignorada, enfocamos a realidade do eixo Rio-São Paulo. Primeiro, porque não há espaço para detalhar as singularidades de cada região do país. Segundo, porque a maior parte das produções sobre violência no futebol brasileiro foi produzida a partir desse contexto.

Feito este esclarecimento, começamos destacando que a violência existe desde a chegada do esporte ao país. Basta recordar que o futebol foi fundamental para a construção de um *etos* social excludente, que discriminava jogadores e torcedores negros, pardos e brancos pobres (Murad, 2007). Casos de confrontos físicos também existiam. Estudos em perspectiva histórica indicam a ocorrência de brigas e tumultos envolvendo torcedores no início do século XX, quando os clubes da zona sul carioca iam jogar nos subúrbios do Rio de Janeiro (Hollanda, 2009). Não à toa, já nos anos vinte, a imprensa demonstrava certa preocupação com as desordens no futebol brasileiro e começava a retratar os estádios como lugares “não familiares” (Malaia, 2012).

Nos anos 1940, o *Jornal dos Sports* iniciou ampla campanha pela “moralização” do futebol nacional, avaliando que as soluções para a violência nos estádios passariam pelo fim da impunidade e pelo estabelecimento de punições exemplares (Hollanda, 2009). Apesar da campanha, incidentes violentos foram registrados na década seguinte. Por exemplo: “em 1952, na Copa Rio, depois do confronto Peñarol e Corinthians o ônibus uruguaio foi apedrejado, o árbitro teve fratura no crânio” (Franco Júnior, 2007: 190).

Ao longo das décadas, modificaram-se as circunstâncias, os atores e as armas utilizadas nos confrontos. No final da década de 1960, surgiram as torcidas organizadas de futebol. Esse surgimento é fundamental para compreender os

atuais embates corporais e armados no contexto do futebol, pois tais torcidas imprimiram suas marcas sociais e culturais nas arquibancadas, criando novas redes de solidariedade e rivalidade. De acordo com Bernardo Buarque de Hollanda, dentre as marcas e inovações gradativamente criadas pelas torcidas organizadas, algumas requerem atenção especial, como fenômenos relativos à moral presente na linguagem, na música e nas caravanas de viagem (2009: 60).

No decênio de 1970, quando o Brasil enfrentava a forte repressão da ditadura civil-militar e as viagens já haviam se tornado parte do cotidiano das organizadas, os confrontos entre torcedores ganharam uma dimensão mais militarizada (Murad, 2007). No final da década de 1980, começou-se a registrar o uso de armas de fogo e a violência no futebol brasileiro notabilizou-se como conteúdo noticioso, entrando definitivamente para a agenda dos meios de comunicação. Isso ocorreu especialmente após o assassinato de um dos líderes da torcida Mancha-Verde (atual Mancha Alviverde), do Palmeiras (Toledo, 1996).

Na primeira metade da década de 1990, uma série de trágicos combates envolvendo torcedores organizados ganhou enorme repercussão midiática. O mais emblemático foi a chamada “Batalha Campal do Pacaembu”, quando torcedores de organizadas do Palmeiras e do São Paulo invadiram o gramado e se enfrentaram com paus e pedras, resultando num total de 102 feridos e na morte de um rapaz. A partir desse momento, promotores públicos e autoridades policiais passaram a ditar o debate acerca do fenômeno da violência no futebol, privilegiando medidas técnicas e de caráter repressivo (Toledo, 2012) – especialmente contra as torcidas organizadas.

Conforme já antecipamos, essas torcidas despontaram no final dos anos 1960 e no início dos anos 1970, em um ambiente urbano marcado pela profissionalização do futebol-espetáculo, reivindicando autonomia face aos clubes e adotando um novo estilo de torcer, a fim de demarcar distinção em relação às charangas, às torcidas uniformizadas e às torcidas organizadas surgidas na década de 1940 (ainda que pouco expressivos, alguns desses agrupamentos existem até hoje, como a Torcida Organizada do Vasco – TOV). Esses primeiros agrupamentos de torcedores se caracterizavam pelo etos carnavalesco das arquibancadas, pelo apoio incondicional ao time, por seus torcedores-símbolo, pelo comportamento amistoso no estádio e pelo reconhecimento da mídia (Teixeira e Hollanda, 2016: 10).

Por sua vez, as (atuais) torcidas organizadas são hierarquizadas e reúnem, especialmente, jovens do sexo masculino, entre 14 e 25 anos de idade, com origens e trajetórias socioculturais e econômicas distintas, mas que compartilham um mesmo estilo de vida. Nas arquibancadas, suas ritualizações, cânticos e corporalidades possuem a rivalidade e a manifestação de antagonismos como elementos centrais, ganhando visibilidade tanto pelo seu caráter festivo quanto

contestatório. Em 2016, por exemplo, as organizadas do Corinthians, especialmente os Caviões da Fiel, organizaram uma série de protestos, dentro e fora dos estádios, contra a Rede Globo (detentora dos direitos televisivos dos jogos), contra a corrupção na Federação Paulista de Futebol (FPF) e na Confederação Brasileira de Futebol (CBF), contra a “Máfia da Merenda”, contra o preço dos ingressos e contra a repressão nas arquibancadas, que ganhou as páginas dos jornais e foi, em algumas ocasiões, duramente reprimida pela Polícia Militar (PM).

Ao longo dos anos, as organizadas cresceram e foram se dividindo em uma miríade de subgrupos – “pelotões”, “canis”, “famílias”, “quebradas”, “bondes” etc. –, espalhados pelos bairros das cidades. Esses subgrupos possuem relativa autonomia, o que dificulta o controle por parte das lideranças. As organizadas também foram se tornando mais profissionais, burocráticas, empresariais e violentas (Teixeira, 2003). Segundo Toledo, é possível pensar que

o recrudescimento da violência entre os torcedores tenha a ver com esse desenraizamento ou descomprometimento com o corpo reificado pela moralidade do trabalho, até então ordenador da produção material e simbólica da vida cotidiana, sensibilizando, sobretudo os jovens que ainda estavam por ingressar num mercado de trabalho em franca transformação e desregulamentação (2012: 140).

Esse recrudescimento contribuiu para deteriorar a imagem das torcidas organizadas e estigmatizar seus membros. Acusadas pelos meios de comunicação de desagregarem laços sociais, essas torcidas têm sido consideradas muitas vezes uma perigosa ameaça à ordem social (Teixeira, 2003; Lopes, 2013). Ao mesmo tempo em que ignora o fato de as organizadas constituírem importantes fontes de identidade, lazer e socialização para milhões de jovens, esse entendimento perde de vista as relações umbilicais entre a violência social brasileira – “enorme desigualdade social, corrupção crônica da elite política, baixa consciência de cidadania” (Hilário Franco Júnior, 2007: 190) – e os confrontos entre tais torcidas. Confrontos que são altamente complexos e estão relacionados a problemas sociais que exigem uma análise cuidadosa, não podendo ser reduzidos a explicações superficiais, que tendem a reforçar estereótipos e estigmas, tornando ainda mais difícil o adequado enfrentamento da questão. Como observa Hilário Franco Júnior, o fenômeno da violência no futebol precisa “ser compreendido apesar dos clichês, não por meio deles” (2007: 190).

O entendimento de que as torcidas organizadas constituem uma perigosa ameaça também serve para unificar os diferentes agrupamentos (e seus membros) numa mesma identidade coletiva, independentemente de suas diferenças e divisões. Isto é, serve para homogeneizá-los e essencializá-los, o que é um equívoco. Afinal, uma série de pesquisas demonstra a existência de diferencia-

ções e divergências no universo das organizadas (Hollanda, 2009; Teixeira, 2003; Toledo, 1996). A título de exemplo: se a rivalidade e o conflito são dimensões constitutivas da sociabilidade entre a maior parte de seus membros, o significado e a função social da briga, ou seja, da “pista” (categoria nativa, central nos discursos dos informantes) variam de acordo com a “ideologia” (outra categoria nativa) de cada torcida.

Para alguns agrupamentos, o incentivo ao time é central e a rivalidade se resume às provocações na arquibancada. Esse tende a ser o caso das chamadas “torcidas chopp”, que exaltam a paixão pelo clube, o consumo de bebidas alcoólicas e rejeitam uma relação belicosa com as rivais. Já as torcidas de “pista” são aquelas que valorizam a disposição para a luta física como uma espécie de “obrigação moral” e demonstração de fidelidade ao coletivo (Teixeira, 2003). Mas, mesmo entre as torcidas que admitem a possibilidade do embate físico, ele é, muitas vezes, encarado como uma resposta, uma consequência, e não uma atitude intencional.

Estudos demonstram que tais confrontos não são o produto da mera casualidade, nem promovidos por indivíduos “desajustados”, mas são regidos por um ethos de virilidade, relacionado ao código de masculinidade vigente nesses grupos (Teixeira, 2003). José Garriga Zucal, por exemplo, é categórico ao afirmar que as práticas violentas no contexto das torcidas de futebol não devem ser concebidas como irracionais, porque são significativas para os torcedores (2010). Para alguns deles, essas práticas estão associadas à conquista territorial, a determinadas concepções de corpo e a um modelo de “masculinidade agressiva”, que diz que “homem de verdade” deve aguentar as adversidades e a dor. Neste contexto, a participação em embates corporais é um importante instrumento de posicionamento identitário e uma forma privilegiada de obtenção de capital social.

De modo geral, as brigas entre as torcidas organizadas não são ações espontâneas (Teixeira, 2013; Toledo, 1996), mas obedecem a certos padrões de relacionamento e reciprocidade entre elas. Assim, se existe a expectativa de que haja respeito, apoio e diálogo entre as “torcidas amigas”; entre as “inimigas”, espera-se provocações, enfrentamentos, roubos de materiais (bonés, camisetas, bandeiras e faixas da torcida adversária) e, em casos mais extremos, mortes. Neste contexto, para responder ao dano sofrido, é preciso “pagar na mesma moeda”. Só assim é possível restaurar a honra do agrupamento, o que, evidentemente, produz um ciclo sangrento de vinganças (Teixeira, 2003).

Segundo alguns de nossos informantes, esse ciclo parece ter se radicalizado. Afinal, na sua percepção, as organizadas perderam sua “ideologia” inicial, que enaltecia as lutas corporais como o único recurso legítimo nos confrontos. Hoje em dia, predominaria “a covardia”, expressa no uso de armas e espancamentos. Para agravar ainda mais a situação, disputas por dinheiro e pela revenda ilegal

de ingressos estariam provocando mais cisões e confrontos.

Essa situação levou muitos integrantes das organizadas a migrarem para novos movimentos torcedores, que se articularam a partir dos anos 2000, inspirados em modelos sul-americanos, particularmente nas *barras* argentinas. A Geral do Grêmio, formada em 2001, foi uma das primeiras experiências desta natureza (Rodrigues, 2012). No Rio de Janeiro, o fenômeno desencadeou-se especialmente a partir de 2006, com a criação do movimento Loucos pelo Botafogo, seguido da Urubuzada, Guerreiros do Almirante e Legião Tricolor. De acordo com Teixeira,

chama atenção inicialmente, nos relatos dos integrantes o desejo de distinguir-se do modo de torcer das organizadas, manifestando o objetivo de inaugurar outra sociabilidade em relação ao futebol, em que a paixão aparece sob o idioma da loucura, devoção e não do perigo, em uma clara demonstração de evitação e distanciamento do estigma de “torcedor violento” por elas representado (2013: 7).

Cientes da “crise” vivida pelas organizadas, lideranças de torcidas, contrariando o clichê de que são politicamente alienadas, articularam estratégias de mobilização e iniciaram um processo de reação, que culminou na constituição de duas importantes entidades representativas. A primeira delas foi a Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ)⁵. Esta foi fundada em 2008, por lideranças das principais organizadas dos quatro grandes clubes cariocas. Inspirada nos trabalhos da antiga Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (ASTORJ), a FTORJ passou a buscar estabelecer um canal de comunicação com a polícia, administradores de estádio, dirigentes de clube e imprensa.

O maior desafio foi construir uma pauta de ações coletivas visando fazer valer os direitos dos torcedores organizados nos estádios do Rio de Janeiro (Hollanda, Medeiros e Teixeira, 2015). Direitos enfraquecidos pelas transformações arquitetônicas ocorridas em parte desses estádios (por conta dos megaventos esportivos realizados na cidade, como a Copa do Mundo 2014 e as Olimpíadas 2016) e pela Lei 12.299/2010, que promoveu modificações no Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), responsabilizando civilmente, de forma objetiva e solidária, as organizadas por possíveis danos provocados por seus membros dentro dos estádios, em suas imediações e nos trajetos de ida e volta.

Desde sua fundação, a FTORJ revelou-se um importante ator social e suas ações de mediação nas arenas públicas desempenharam um papel estratégico nas discussões sobre políticas de prevenção da violência no futebol, dando visibilidade e legitimidade às reivindicações das associações torcedoras. Ao mesmo tempo, engajou-se na resolução de problemas, buscando o entendimento entre agrupamentos adversários com histórico de rivalidade violenta. O conhecimen-

5 Disponível em:
<<https://ftorj.wordpress.com/>>.
Acesso em: 16 fev. 2017.

to acumulado pela FTORJ em seu trânsito pelos espaços públicos – que envolveu o investimento no diálogo entre lideranças de torcidas organizadas de todo o país, cientes do risco da possível extinção desses agrupamentos – foi fundamental no processo de negociações e entendimentos que resultou, conforme retomaremos, na fundação da Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG)⁶, que luta pelo reconhecimento da cultura de torcer das organizadas.

Atualmente, é possível dizer que não há no Brasil incentivos para celebrar a paixão por um clube por meio da criação de um clima festivo nas arquibancadas. Em São Paulo, por exemplo, uma lei estadual proíbe o uso de bandeiras com mastro e está vetada a presença de torcidas adversárias nos clássicos. Até agosto de 2017, por conta de brigas ocorridas em 2016, as organizadas também estavam proibidas de levar instrumentos musicais, bandeirões e faixas (algumas do Corinthians ainda seguem nessa situação). Por outro lado, as organizadas cariocas vivem uma situação um pouco diferente. O trabalho realizado pelo Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (GEPE), criado em 1991, vem (ou vinha) produzindo ações eficazes na gestão dos conflitos.

Essa eficácia, todavia, tem sido colocada em xeque por conta de sua atuação mais recente. No fim de 2016, por exemplo, depois de conflitos com a torcida corinthiana no Maracanã, o agrupamento decidiu, no fim do jogo, reter cerca de três mil pessoas para identificar os envolvidos na confusão. Quarenta e dois torcedores foram presos no estádio e encaminhados para o presídio de Bangu. Nos dias subsequentes, a imprensa publicou relatos de torcedores acusando os policiais de ameaçarem, agredirem e torturarem parte da torcida retida⁷. A truculência e a falta de planejamento do GEPE também já haviam sido abordadas e criticadas por pesquisadores (Alvito, 2012, 2014). Apesar disso, lideranças de organizadas e da própria FTORJ reconheceram, em outros estudos, avanços na abordagem da questão, avaliando que o GEPE constitui uma referência em policiamento, quando comparado ao feito em outros estados brasileiros (Teixeira, 2003; Hollanda, Medeiros e Teixeira, 2015).

Em entrevista a um dos autores, o Tenente-Coronel João Fiorentini, ex-comandante do GEPE, esclareceu que uma organizada pode exercer suas atividades desde que apresente a ata de fundação registrada em cartório, seu estatuto, a ata de eleição da diretoria e o cadastro de, no mínimo, 20 membros. Além do mais, deve solicitar autorização para a entrada do material nos estádios (faixas, bandeiras, bateria etc.) e indicar os responsáveis pelo mesmo. Tais procedimentos fazem parte do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) elaborado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro, em 2011, e assinado pelas principais organizadas do estado. Esse documento (que trata, ainda, das sanções previstas às torcidas transgressoras e dos órgãos colegiados responsáveis por julgá-las) tem sido alvo de críticas por parte das torcidas, que entendem que ele reforça meca-

6 Disponível em: <<http://anatorg.com.br/wp/>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

7 Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/10/26/torturas-agressoes-e-ameacas-o-que-a-globo-nao-mostrou-no-classico-entre-corinthians-e-flamengo/>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

nismos de controle e penalização, deixando pouco espaço para a sua defesa.

O Tenente-Coronel João Fiorentini também esclareceu que o GEPE realiza reuniões com dirigentes de organizadas e faz a escolta dessas torcidas nos dias de jogos (no trem, barcas, metrô e a pé). Além disso, mencionou o importante papel desempenhado pela FTORJ no enfrentamento do problema da violência. No entanto, em sua visão, para que o trabalho de prevenção possa dar resultados em longo prazo, os clubes de futebol precisam cooperar, engajando-se no processo – o que, diga-se de passagem, vai ao encontro do que postula a experiência alemã.

Apesar dessa experiência ser diferente daquelas implementadas no Brasil, ela já começa a ter impactos no debate público sobre o tema em nosso país. Afinal, as torcidas envolvidas na viagem à Alemanha, inspiradas pelos *Fanprojekte*, reelaboraram seus discursos e vêm se posicionando a favor da adoção de medidas baseadas em tal modelo. Por exemplo: no seminário realizado no Rio de Janeiro pela agência alemã GIZ, durante a Copa do Mundo, com os participantes da viagem de intercâmbio, as lideranças presentes lançaram seu apelo adotando um slogan do movimento ultra alemão “Fale conosco, não sobre nós”. Nos meses seguintes, o movimento de articulação das torcidas de todo o país avançou, culminando com o lançamento da ANATORG, em dezembro de 2014. Certamente, o fato de parte dos seus dirigentes ter tido contato com os projetos sociopedagógicos na viagem à Alemanha repercutiu nos objetivos e propostas que estão na base da fundação da entidade, anunciada no III Seminário Nacional de Torcidas Organizadas, promovido pelo Ministério do Esporte. Tais seminários contribuíram para trocas de ideias e diálogos entre integrantes de torcidas e entre eles e o Poder Público. A atuação, em especial, de um representante do referido ministério foi central para os desdobramentos seguintes. Motivado pelas experiências observadas na Alemanha e pelos debates mantidos com membros de torcidas organizadas e pesquisadores⁸, Helvécio Araujo contribuiu para a alteração da configuração dos seminários, de modo que as torcidas tivessem voz e espaço para apresentar suas ideias. Participou, ainda, da constituição da Câmara Técnica de Organização e Associação de Torcedores junto à CONSEGUE, em 2014, reunindo torcedores, pesquisadores e representantes do governo. No início do segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff, em 2015, Helvécio também acompanhou a criação da Câmara Temática de Acadêmicos e Estudiosos, algo inédito no âmbito governamental e para a qual foram convidados quatro especialistas⁹.

APONTAMENTOS PARA O BRASIL

Essas mudanças acenaram para a possibilidade de fomentar discussões sobre a adoção de um trabalho sociopedagógico, articulado a medidas de caráter repres-

⁸ Nesse percurso é importante destacar a participação da pesquisadora Heloísa Baldy dos Reis na constituição da CONSEGUE e a sua atuação como consultora dos Ministérios da Justiça e dos Esportes de 2003 a 2015.

⁹ Para integrar esta Câmara foram convidados quatro pesquisadores: Bernardo Buarque de Hollanda (FCV), Felipe Tavares Paes Lopes (UNISO), Heloísa Helena Baldy dos Reis (Unicamp) e Rosana da Câmara Teixeira (UFF).

sivo. O desenvolvimento de projetos-piloto por parte do Ministério do Esporte com a colaboração de educadores e assistentes sociais habilitados para atuar junto aos torcedores parece-nos um bom ponto de partida. Todavia, acreditamos que tal estratégia só será bem-sucedida caso consiga efetivamente envolver os torcedores, de modo a favorecer uma reflexão crítica sobre suas ações e sobre a intolerância em geral. Para tanto, na gestão dos conflitos, é fundamental considerar os modelos de torcidas existentes no país e a diversidade de perfis e estilos de torcer envolvidos no mundo das organizadas. Nesse sentido, consideramos necessário hierarquizar os problemas e definir estratégias diferenciadas para cada caso.

Vale assinalar a importância dada pelos *Fanprojekte* à abordagem individualizada e flexível dos torcedores em seus próprios ambientes de vida (como os estádios, caravanas ou sedes de torcidas). Não à toa, conforme já antecipamos, um dos pontos-chaves dessa experiência é o acesso à cena torcedora, o que envolve, evidentemente, a construção de relações de confiança. Essas relações não significam, no entanto, segundo Martin Winands e Andreas Grau, aceitar, de forma inquestionável, as atitudes, ideias e valores dos torcedores (2016).

Ainda que o contexto brasileiro seja significativamente diferente e ele mesmo não seja homogêneo, consideramos que o caso alemão é inspirador na medida em que reconhece a importância de uma tradição torcedora mais participativa e a necessidade de dar voz àqueles grupos de torcedores habitualmente estigmatizados como violentos e baderneiros. Afinal, isso pode contribuir para a geração de compreensão e empatia com os mesmos, evitando, portanto, que enxerguemos somente “nosso sofrimento”, “nossa humanidade”, e, com isso, caiamos no equívoco de construir medidas de segurança pautadas na contraposição, simplista e maniqueísta, “nós vs. eles”.

Também entendemos que o envolvimento efetivo dos clubes, das federações estaduais e da CBF nas políticas de prevenção da violência pode contribuir para um maior entendimento entre as partes. Outra questão a ser considerada diz respeito às medidas sociopedagógicas como estratégia para a redução dos confrontos violentos. Fala-se muito que é preciso educar os torcedores para uma “cultura de paz”, que permita aumentar o grau de tolerância entre eles. No entanto, geralmente, acredita-se que, para tanto, basta criar algumas campanhas educativas nos estádios e nos meios de comunicação. Embora sejam importantes, essas campanhas são insuficientes. Ao analisar as campanhas contra o racismo no futebol alemão, Andreas Zick observa, por exemplo, que elas podem até aumentar a comunidade de torcedores progressistas, mas não atingem os racistas (2013).

Outro ponto a ser destacado é que, embora reconheçamos que os esforços de mediação da ANATORG sejam fundamentais, outros mediadores (educadores sociais e assistentes sociais) também são necessários para atuar conjuntamente com as organizadas e ajudá-las a colocar em prática ações sociopeda-

gógicas, de modo que as políticas públicas possam caminhar na direção de um modelo efetivamente preventivo.

Além de indicar a pertinência da incorporação desses mediadores e do estabelecimento de novos canais de comunicação entre o Poder Público e os torcedores, os *Fanprojekte* evidenciam a necessidade da produção de diagnósticos profundos e independentes sobre a violência no futebol – o que significa que é preciso que haja uma maior incorporação do conhecimento científico disponível nas políticas de segurança para os espetáculos esportivos, evitando que análises superficiais e distorcidas as orientem.

Vale ainda ressaltar que as atividades levadas a cabo pelos *Fanprojekte* devem ser entendidas no contexto das políticas públicas para a juventude, não se limitando, exclusivamente, a enfrentar questões relacionadas às torcidas de futebol. Na verdade, com frequência, essas atividades servem de dispositivos para promover a reflexão sobre questões mais gerais, que afligem a maior parte dos jovens. Sendo assim, não podemos deixar de enxergar nas torcidas organizadas brasileiras um lugar estratégico para o Poder Público atuar e se aproximar dos jovens e lidar com suas angústias e anseios.

Por fim, conforme procuramos demonstrar neste artigo, o trabalho socioeducativo realizado pelos *Fanprojekte* fornece importantes subsídios para reflexões em torno da elaboração de políticas de prevenção, que incluam a participação dos torcedores na discussão e na proposição de alternativas, indo além das soluções centradas na punição e repressão dos agrupamentos. Contudo, entendemos que o desenvolvimento de um trabalho dessa natureza deve ser objeto de um amplo processo de discussões. Afinal, o que se compreende por socioeducativo? Uma medida socioeducativa pode, evidentemente, tanto servir de instrumento de opressão e controle social quanto alimentar a reflexão crítica. Em outras palavras: tal categoria expressa diferentes concepções e finalidades, que precisam ser explicitadas e muito bem definidas. Sendo assim, parece importante não reificá-la, como se todos compartilhassem consensualmente seus significados, sob o risco de naturalização de processos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação da FTORJ e na sequência da ANATORG insere o Brasil em uma agenda de discussões que vem se fortalecendo na Europa a respeito das novas configurações das associações torcedoras e do conjunto de mobilizações levadas a cabo por elas, que apresentam uma nova face do fenômeno das torcidas de futebol. Estudos europeus (Busset, Besson e Jaccoud, 2014) indicam que um número cada vez maior de torcidas vem formulando reivindicações, propondo ações coletivas e se mostrando disposto a defender a sua visão do futebol. Tais estudos também

indicam que um dos maiores desafios das torcidas reside na capacidade de elas superarem as rivalidades violentas que têm pautado suas interações, a fim de que possam formular estratégias comuns de intervenção no espaço público.

No Brasil, algumas “brechas” para o diálogo entre as torcidas organizadas e entre elas e o Poder Público foram abertas por meio de seminários regionais e nacionais organizados pelo Ministério do Esporte. Essas ações foram importantes para a promoção do diálogo e para a busca de soluções para a intolerância no espetáculo futebolístico. Não à toa, em nossa jornada pelas cidades alemãs, uma categoria-chave nos discursos e ações dos *Fanprojekte* foi a de mediação. Do ponto de vista analítico, a mediação é um fenômeno sociocultural, que produz interações e trocas através das quais fronteiras são cruzadas, estabelecendo-se pontes e canais de comunicação entre categorias e grupos sociais muitas vezes distintos (Velho, 2001). Nas palavras de Celso Castro, “mediador é alguém que se especializa na articulação e na negociação dos conflitos” (2001: 212). Trata-se de realizar uma interferência criativa, capaz de gerar transformações, novos valores e novas condutas. Assim, firmando conexões entre instituições e saberes oriundos de diversos universos culturais, os mediadores podem cooperar para a criação de alianças com setores do Poder Público, favorecendo o atendimento de reivindicações (Kuschnir, 2015).

As lideranças pertencentes à ANATORG vêm exercendo o papel de mediadoras junto ao Poder Público e junto às bases das organizadas para ganhar a confiança de ambos e, assim, representar e defender os interesses dos torcedores organizados. Esta tarefa, todavia, não é fácil, uma vez que o histórico de conflitos leva muitos integrantes a verem com desconfiança a aproximação entre agrupamentos rivais, o que prejudica a consolidação das alianças e pactos firmados. A cada novo confronto, a ANATORG também se vê desafiada a provar publicamente que seus objetivos são legítimos frente à visão disseminada pelos meios de comunicação de que as organizadas são “problemáticas”, “patológicas”, “perigosas”.

A ANATORG se vê igualmente desafiada a preservar os canais de comunicação e o diálogo com o Poder Público a cada mudança de governo. Ainda que o Ministério do Esporte tenha dado passos importantes no período compreendido entre 2014 e 2016, revelando disposição para a elaboração de políticas públicas de prevenção mais inclusivas, buscando reunir torcedores, pesquisadores, representantes do governo e especialistas em segurança pública em seminários e câmaras temáticas, a conjuntura atual ameaça dar um “banho de água fria” nesse processo. A deposição da presidenta Dilma Rousseff em 2016 e a crise política que atravessa o país têm gerado entre os membros da ANATORG o temor de um retrocesso, já que a possibilidade da interrupção dos debates e das atividades que vinham sendo desenvolvidas ameaça os avanços alcançados, o que seria um enorme desperdício de dinheiro, tempo e energia.

Rosana da Câmara Teixeira é doutora em Antropologia Cultural pelo PPGSA (UFRJ) e desenvolveu pesquisas de pós-doutorado no PPGAS (Museu Nacional-UFRJ). Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

Felipe Tavares Paes Lopes é doutor em Psicologia Social pela USP e desenvolveu pesquisas de pós-doutorado na FEF-Unicamp e no CPDOC-FGV. Atualmente é docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UNISO, onde desenvolve pesquisa sobre movimentos de torcedores de futebol com auxílio da Fapesp.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALABARCES, Pablo

2012 *Crônicas del aguante: fútbol, violencia y política*. Buenos Aires, Capital Intelectual.

ALVITO, Marcos

2012 “Maçaranduba neles! Torcidas organizadas e policiamento no Brasil”. *Revista Tempo*, v. 19, n. 34: 81-94.

2014 “A madeira da lei: *gerir* ou *gerar* a violência nos estádios brasileiros”. In HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de e REIS, Heloisa Helena Baldy dos (orgs.). *Hooliganismo e Copa do Mundo de 2014*. Rio de Janeiro, 7 Letras, pp. 21-36.

BUSSET, Thomas; BESSON, Roger; e JACCOUD, Christophe (orgs.)

2014 *L'Autre visage du supportérisme. Autorégulations, mobilisations collectives et mouvements sociaux* (vol. 6). Berne, Suíça, Peter Lang As/Centre International d'Étude Du Sport.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto

2006 “O trabalho do antropólogo; olhar, ouvir, escrever”. In *O trabalho do antropólogo*. Brasília e São Paulo, Paralelo 15 e Editora Unesp, pp.17-35.

CASTRO, Celso

2001 “Comentários”. In VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro, Aeroplano, pp. 205-212.

DUNNING, Eric

2003 *El fenomeno deportivo: estudios sociologicos en torno al deporte, la violencia y la civilizacion*. Barcelona, Paidotribo.

2006 “The Social Roots of Football Hooliganism: A Reply to the Critics of the ‘Leicester School’”. In GIULIANOTTI, Richard; BONNEY, N.; e HEPWORTH, M. (orgs.). *Football, Violence and Social Identity*. Londres e Nova York, Routledge, pp. 128-157.

DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; e WILLIAMS, John

1993 [1986] “Spectator Violence at Football Matches: Towards a Sociological Explanation”. In ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric (orgs.). *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process*. Cambridge, Blackwell, pp. 245-266.

DWERTMANN, Hubert e RIGAUER, Bero

2002 “Football Hooliganism in Germany: A Developmental Sociological Study”. In DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WADDINGTON, Ivan; e ASTRINAKIS, Antonios E. (orgs.). *Fighting Fans: Football Hooliganism as a World Phenomenon*. Dublin, University College Dublin Press, pp. 75-87.

FLORENZANO, José Paulo

2010 “A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras”. *Revista de História*, São Paulo, n. 163: 149-174.

2014 “Um *calcio* diverso: partidas políticas e torcidas ultras”. In HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de e REIS, Heloisa Helena Baldy dos (orgs.). *Hooliganismo e Copa do Mundo de 2014*. Rio de Janeiro, 7Letras, pp. 77-90.

FRANCO JÚNIOR, Hilário

2007 *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo, Companhia das Letras.

GABRIEL, Michael

2013 “20 Years of KOS 20 of Advice, Dialogue and Networking”. In GABRIEL, Michael; SELMER, Nicole; e THALER, Heidi (orgs.). *Fan Work 2.0. Future Challenges for the Pedagogical Work with Football Fans*. Frankfurt, Main, Imprenta, Obertshausen, pp. 27-40.

GEERTZ, Clifford

1997 [1983] “Do ponto de vista dos nativos’: a natureza do entendimento antropológico”. In *Saber local*. Petrópolis, Vozes, pp.85-107.

GIULIANOTTI, Richard

2002 [1999] *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo, Nova Alexandria.

GIULIANOTTI, Richard e MILLWARD, Peter

2013 “The Role of Fan Projects in Avoiding Conflict at Football Matches”. *ICSS Journal*, v. 1, n. 4: 67-71.

HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de

2009 *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 7Letras.

2014 “O fim do Estádio-nação? Notas sobre a construção e remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014”. In CAMPOS, Flávio de e ALFONSI, Daniela (orgs.). *Futebol objeto*. São Paulo, Leya, pp. 321-348.

HOLLANDA; Bernardo Buarque de; MEDEIROS, Jimmy;
e TEIXEIRA, Rosana da Câmara

2015 *A voz da arquibancada: narrativas de lideranças da Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ)*. Rio de Janeiro, 7Letras.

HOURCADE, Nicolas; LESTRLIN, Ludovic; e MIGNON, Patrick

2010 *Livre vert du supportérisme. État des lieux et propositions d'actions pour le développement du volet préventif de la politique de gestion du supportérisme*. Paris, Rapport pour le secretariat d'État aux sports.

KLOSE, Andreas e SCHNEIDER, Thomas

1995 *Outreach Work of Fan Projects*. (Mimeo).

KUSCHNIR, Karina

2015 *Antropologia da política: uma perspectiva brasileira*. Centre for Brazilian Studies. University of Oxford. Disponível em: <http://www.brazil.ox.ac.uk/workingpapers/Karina%20Kuschnir>, acesso em 19/11/2015.

LOPES, Felipe Tavares Paes

2013 “Dimensões ideológicas do debate público sobre a violência no futebol brasileiro”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 27, n. 4: 597-612.

MALAIA, João M. C.

- 2012 “Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950”. In HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique; e MELO, Victor Andrade (orgs.). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7Letras, pp. 53-85.

MAGNANI, José Guilherme Cantor

- 2003 “Antropologia urbana e os desafios da metrópole”. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, v.15, n. 1: 81-95. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12395>, acesso em 27/11/2015.

MERKEL, Udo

- 2012 “Football Fans and Clubs in Germany: Conflicts, Crises and Compromises”. *Soccer & Society*, v. 13, n. 3: 359-376.

MURAD, Mauricio

- 2007 *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro, FGV.
- 2013 “Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro”. *Revista USP*, n. 99: 139-152.

MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John; e DUNNING, Eric

- 1994 *O futebol no banco dos réus*. Oeiras, Celta.

MURZI, Diego; ULIANA, Santiago; e SUSTAS, Sebastián

- 2011 “El fútbol de luto: análisis de los factores de muerte y violencia en el fútbol argentino”. In MATIAS, Codio S. e ULIANA, Santiago (orgs.). *Fútbol y sociedad: prácticas locales e imaginarios globales*. Sáenz Peña, Universidad Nacional de Tres de Febrero, pp. 175-196.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares; CABRERA, Nicolas; e SCHWARTZ, Gisele Maria

- 2014 “Apuntes para un estudio comparativo entre torcidas organizadas e hinchadas”. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. esp.: 163-176.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos

- 2006 *Futebol e violência*. Campinas, Autores Associados.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos

- 2012 *Amizade, trago e alento. A torcida Geral do Grêmio (2001-2011) da revolta à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro*. Niterói, dissertação de mestrado em História, Universidade Federal Fluminense.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara

- 2003 *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo, Annablume.
- 2013 “Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro”. *Esporte e Sociedade*, ano 8, n. 21. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/>, acesso em 27/11/2015.
- 2014 *Mediação de conflitos e políticas públicas de prevenção da violência: possibilidades, limites e desafios do trabalho sociopedagógico com torcidas de futebol realizado pelo Fanprojekt na Alemanha*. Rio de Janeiro, projeto de pós-doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS), Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara e HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de

- 2016 “Espectáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo”. *Esporte e Sociedade*, 28: 1-26. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es2803.pdf>, acesso em 21/08/2017.

TOLEDO, Luiz Henrique de

- 1996 *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, Autores Associados/Anpocs.
- 2012 “Políticas da corporalidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010”. In HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de; e MELO, Victor Andrade de (orgs.). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7Letras, pp. 122-158.

TREJO, Fernando Segura M. e MURZI, Diego

- 2013 “Alternativas europeas comparadas de gestión de la seguridad y la violencia en los estadios de fútbol: tres enfoques y aplicaciones diferentes. ¿Qué se puede aprender?”. In ZUCAL, Jose Garriga (org.). *Violencia en el fútbol: investigaciones sociales y fracasos políticos*. Buenos Aires, EGodot Argentina, pp. 267-296.

TSOUKALA, Anastassia

- 2014 “Administrar a violência nos estádios da Europa: quais racionalidades?”. In HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de e REIS, Heloisa Helena Baldy dos (orgs.). *Hooliganismo e Copa de 2014*. Rio de Janeiro, 7Letras, pp. 21-36.

VELHO, Gilberto

- 2001 “Biografia, trajetória e mediação”. In VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro, Aeroplano, pp.13-28.

WINANDS, Martin e GRAU, Andreas

- 2016 “Socio-Educational Work with Football Fans in Germany: Principles, Practice and Conflicts”. *Soccer & Society* (online): 1-17.

ZICK, Andreas

- 2013 “Group-Focused Enmity in Football: Observations and Challenges”. In GABRIEL, Michael; SELMER, Nicole; e THALER, Heidi (orgs.). *Fan Work 2.0. Future Challenges for the Pedagogical Work with Football Fans*. Frankfurt, Main, Imprinta, Obertshausen, pp. 67-79.

ZUCAL, José Garriga

- 2010 *Nosotros nos peleamos: violencia e identidad de una hinchada de fútbol*. Buenos Aires, Prometeu Libros.

Recebido em 4 de dezembro de 2015. Aceito em 11 de junho de 2018.